



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO TOCANTINS - *CAMPUS* GURUPI
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

GIORDANA FERREIRA CUNHA

**O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE
COM TIMIDEZ**

GURUPI-TO

2019

GIORDANA FERREIRA CUNHA

**O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE COM
TIMIDEZ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – *Campus* Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora: Professora Esp. Milene Lopes dos Santos Queta.

**GURUPI – TO
2019**

CUNHA, Giordana Ferreira

Título: O lúdico no processo de ensino e aprendizagem do estudante com timidez.

Giordana Ferreira Cunha. – Gurupi- TO, 2019.

45 f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi- TO, 2019.

Orientadora: Professora Esp. Milene Lopes dos Santos Queta.

1. Lúdico. 2. Ensino/aprendizagem. 3. Timidez.

GIORDANA FERREIRA CUNHA

**O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE
COM TIMIDEZ.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto
Federal do Tocantins – *Campus* Gurupi,
como exigência à obtenção do grau de
Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Prof^a. Esp. Milene Lopes dos Santos Queta.
Presidente
IFTO – Campus Gurupi

Prof^a. Me. Marli Fernandes Magalhães
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Prof^a Me. Edna Maria Cruz Pinho
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar ao meu lado em todos os momentos, sendo meu porto seguro.

A minha orientadora professora Milene Lopes dos Santos Queta que acompanhou e conduziu na escrita deste trabalho de conclusão de curso e aos membros da banca que aceitaram o convite.

A todos os meus familiares que acreditaram e sempre me ajudaram, em especial a minha mãe, Arleide Ferreira dos Santos que nunca mediu esforços para a realização dessa conquista. Ao meu pai, Antônio José e aos meus avós, Ivaldeth Luzia da Cunha, Wilson Afonso Filho e José dos Reis Carvalho, por atender os meus pedidos sempre que precisei.

Aos colegas de turma por todos os momentos compartilhados, em especial a minha amiga Chayanne Moreira Fonseca que sempre esteve ao meu lado dividindo as alegrias e me dando apoio nos momentos de angústia.

A todos os professores/mestres que foram essenciais em minha formação, em especial a professora Me. Marli Fernandes Magalhães, por sempre acreditar no meu melhor e convidar para participar do grupo de extensão S.O.P.R.O., que muito contribuiu na minha formação.

Ao Professor Me. Brenno Jadvas, pelos momentos de ensinamentos em que pode compartilhar.

A Thaynara Ferreira pelo acolhimento no Curso e nos grupos de extensão em que participava e pela atenção e informações que sempre me deu desde o início da graduação até a minha escrita do TCC.

Aos colegas que passaram em minha vida nos projetos de extensão “S.O.P.R.O.”, “Coral cantares”, “Interventores” e no projeto “PIBID” que acrescentaram muito em minha vida. Grata ao curso pelas oportunidades em realizar viagens incríveis e conhecer lugares maravilhosos.

A todos que sempre estiveram ao meu lado nessa jornada e aos que conheci durante esse percurso, o meu muito obrigado.

“A mente é um grande teatro. Seu lugar não é na plateia, mas no palco, brilhando na sua inteligência, alegrando-se com suas vitórias, aprendendo com suas derrotas e treinando para ser a cada dia, autor da sua própria história, líder de si mesmo!”

RESUMO

Os jogos e as brincadeiras fazem parte do mundo da criança, pois estão presentes na humanidade desde o princípio. A proposta dessa monografia é salientar a importância do lúdico na estimulação do processo de ensino/aprendizagem e desenvolvimento de estudantes tímidos na educação infantil. Este trabalho justifica-se pela essencialidade de entender a importância das atividades lúdicas dentro das salas de aula. Objetiva-se em mostrar o lúdico como um dispositivo educacional de relevância no dia a dia nas unidades escolares. O desenvolvimento metodológico da pesquisa será a partir de levantamentos bibliográficos a respeito da temática. Com base na reflexão de leituras de livros, artigos, etc. Assim, as considerações finais procura-se demonstrar aos leitores uma percepção da importância da ludicidade na vida do sujeito, principalmente, das crianças.

Palavras-chave: Lúdico. Ensino/aprendizagem. Timidez.

SUMMARY

Games and games are part of the world of the child, because they have been present in humanity since the beginning. The purpose of this monograph is to emphasize the importance of the playful in stimulating the teaching / learning process and the development of shy students in early childhood education. This work is justified by the essentiality of understanding the importance of play activities within classrooms. It aims to show the playful as an educational tool of relevance in the day to day in the school units. The methodological development of the research will be based on bibliographical surveys on the subject. Based on the reflection of readings of books, articles, etc.. Thus, the final considerations are intended to demonstrate to readers a perception of the importance of playfulness in the life of the individual, especially children.

Palavras-chave: Ludic. Teaching / learning. Shyness..

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM	12
3. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR.....	17
4. OS JOGOS EM ESCOLA COMO ESTRATÉGIA.....	20
5. TRANSTORNO DE ANSIEDADE:DESAFIO ESCOLAR.....	26
4.1 Timidez e suas conseqüências	30
6. A INFLUÊNCIA DO LÚDICO NA PERDA DA TIMIDEZ.....	35
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
8. REFERÊNCIAS.....	43

1.INTRODUÇÃO

O lúdico está na aplicação de jogos educativos, dinâmicas coletivas, brincadeiras, recortes e colagens, trabalhos corporais, as cantigas de rodas, etc.. Assim, a pesquisa terá o intuito de mostrar a importância desse modelo de aula e os benefícios que a mesma pode proporcionar na vida dos estudantes, quando são desenvolvidas com seriedade ,principalmente, na educação infantil. Pois, as crianças são bastante receptivas quando a proposta é de uma aula mais dinâmica.

O primeiro capítulo abordará a importância do lúdico em sala de aula, iniciando com o contexto histórico do lúdico e a necessidade que a criança tem em manter contato com a ludicidade, principalmente, na educação infantil. Neste capítulo mostrará a importância de deixar a criança livre, mas sem perder o foco da aula.

O professor pode e deve inovar, inserindo o uso do lúdico, buscando enriquecer suas aulas e com isso notar as particularidades dos estudantes, resultando positivamente no desenvolvimento de suas habilidades.

Ainda no primeiro capítulo mostrará a essencialidade em ministrar aulas que proporcione ensino/aprendizagem e o prazer dos estudantes. Pois, a aula sendo atrativa aumentará o nível de interesse das crianças em concentrar e participar das atividades propostas.

Após levantamentos bibliográficos sobre o lúdico, os capítulos posteriores “a importância do brincar” e “os jogos na escola como método de ensino”, mostra que os conteúdos podem ser trabalhados através de jogos e brincadeiras, pois influencia no desenvolvimento pessoal e é uma motivação para a execução das atividades, sendo fundamental que o professor acredite que isso é possível, mantendo o foco e sem dispersar do objetivo.

No capítulo 4 citará o outro foco da pesquisa que são os transtornos ansiosos com ênfase na timidez, pois, é um problema que atinge a realidade escolar. A timidez impede que a criança participe das aulas, assim dificultando o desempenho escolar. Sendo que a ansiedade traz fatores de risco tanto para o ensino/aprendizagem como para o desenvolvimento social. Também, este capítulo

de acordo com autores pesquisados mostrará a importância em desenvolver atividades desde a infância para que evitem a formação de crianças tímidas.

No último capítulo intitulado “A influência do lúdico na perda da timidez” fará o paralelo entre o lúdico e a timidez mostrando a possibilidade de que a partir do lúdico a criança possa crescer uma pessoa mais desenvolvida e comunicativa.

Portanto, aos leitores que buscam conhecimento sobre a importância do lúdico no contexto escolar, o presente trabalho objetiva-se em mostrar essa essencialidade em trabalhar o lúdico dentro das salas de aulas. Assim, citando como as aulas dinâmicas com jogos e brincadeiras podem colaborar positivamente na construção da personalidade e desenvolvimento das crianças desde a fase inicial de vida.

2. OLÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Segundo Platão (427-348 *Apud* SANTOS, 2010, p.11), Na Grécia Antiga, primava que a educação, nos primeiros anos da criança, se baseasse em jogos educativos praticados em comum por ambos os sexos. Dava ênfase ao esporte sua colaboração na formação de carácter e da personalidade, bem como introduzia a prática da matemática lúdica, aplicando exercícios como cálculos ligados a problemas concretos extraídos da vida e dos negócios.

Percebe-se que a ligação do lúdico no processo de ensino/aprendizagem não iniciou recentemente, mas algo que vem sendo utilizado desde a antiguidade. O uso do lúdico nas atividades educacionais é visto como caminho para o ensino que resgata questões já esquecidas numa forma mais prazerosa.

Assim, Santos (2010) afirma que, a utilização do lúdico na escola é um recurso muito rico para a busca da valorização das relações, onde as atividades lúdicas possibilitam a aquisição de valores já esquecidos, o desenvolvimento cultural, e, com certeza, a assimilação de novos conhecimentos, desenvolvendo, assim, a sociabilidade e a criatividade.

Para Dohme, (2003), ludicidade é referente à: jogos educativos, dinâmicas coletivas, brincadeiras, recortes e colagens, trabalhos corporais, as cantigas de rodas, etc.. A aula lúdica seria o momento em que os estudantes avançam no ensino/aprendizagem sem uma obrigação num ensino tradicional, ou seja, seria uma aula descontraída. O lúdico não está para mudar o foco do conteúdo, mas ensiná-lo de uma forma que a criança mantenha o interesse em aprender.

De acordo com Silva e Vargas (2014, p.132) o lúdico é compreendido como:

[...] uma ferramenta de grande importância porque torna belo e prazeroso o ato de aprender, devendo ser uma constante no cotidiano da sala de aula, podendo contribuir para o desenvolvimento do indivíduo como um todo. O trabalho com jogos viabiliza condições para que a criança se conheça, se descubra e resinifique seus valores, costumes, ideias e papéis, conquistando espaços e vitórias, de forma a vencer desafios como a exclusão social, o isolamento, a inferioridade, a insegurança e o medo em se expressar.

Essa afirmação mostra a essencialidade do lúdico na vida humana, pois trás consigo uma caracterização de benefícios aos estudantes, através da maneira criativa e leve que fazem com que desperte interesse pelas aulas. Através dos jogos e brincadeiras tanto o professor terá uma abertura maior para conhecer sua turma quanto às crianças terão a oportunidade de se descobrirem e se reinventarem.

Conforme Roloff (s/d. p.8) “aulas lúdicas devem ser bem elaboradas, com orientações definidas e objetivos específicos. Se o professor apenas ‘brincar’ com estes alunos, não transmitirá conteúdo e possivelmente perderá o rumo da aula”.

Sendo assim, Roloff (s/d) afirma que a atividade intelectual não pode ser separada do funcionamento total do organismo. Faz-se necessário que o professor tenha objetivos com sua aula, trabalhar a ludicidade está bem mais além do que pesquisar algumas brincadeiras ou jogos e levar para dentro da sala de aula e necessário que o professor saiba que rumo à aula está levando.

Roloff (s/d) afirma que o corpo e o aprendizado racional fazem parte de um todo, através do qual o estudante irá perceber o meio, compartilhar conhecimentos e vivenciar experiências. As brincadeiras em sala de aula devem ser vista como formas de posturas comportamentais,

Pelo fato de o jogo ser um meio tão poderoso para a aprendizagem das crianças, em todo o lugar onde se consegue transformá-lo em iniciativa de leitura ou ortografia, observa-se que as crianças se apaixonam por essas ocupações antes tidas como maçantes. (WADSWORTH, 1977. p. 14)

Pelo fato de estar aprendendo de uma forma descontraída, o aprendizado passa a ser visto como um divertimento e conseqüentemente as crianças terão maior interesse em participar das aulas sem a sensação de uma aula “chata” e cansativa. Se o professor tem por objetivo passar o conteúdo tendo crianças participativas nas aulas é importante que ele faça uma pesquisa de jogos e brincadeiras para auxiliar no ensino, evitando que as aulas se tornem desinteressante ao olhar das crianças.

Pois de acordo Roloff (s/d. p.1) “O lúdico pode trazer à aula um momento de felicidade, seja qual for à etapa de nossas vidas, acrescentando leveza à rotina escolar e fazendo com que o aluno registre melhor os ensinamentos que lhe chegam, de forma mais significativa.”, ou seja, o lúdico será utilizado como uma ferramenta facilitadora para um ensino mais prazeroso para os estudantes.

O lúdico abre portas para que a criança aprenda mais sobre o meio onde vive. Levar propostas lúdicas para o plano de aula escolar se faz mais que necessário, pois segundo Santos, (2003, p. 9-10),

Ao assumir a função lúdica e educativa, a brincadeira propicia diversão, prazer, potencializa a exploração e a construção do conhecimento. Brincar é uma experiência fundamental para qualquer idade, principalmente para as crianças da Educação Infantil. Dessa forma a brincadeira já não devem ser mais atividades utilizadas pelo professor apenas para recrear as crianças, mas como atividade em si mesma, que faça parte do plano de aula da escola. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva. Porque ela transfere para o mesmo sua imaginação e, além disso, cria seu imaginário do mundo de faz de conta.

Assim, é importante que o professor procure atividades motivadoras para propor para a turma através de jogos e brincadeiras, pois elas usam a imaginação e explora a criatividade o tempo todo. A ludicidade faz com que elas aprendam de uma forma descontraída e prazerosa, dar a elas a liberdade de desenvolver suas habilidades. Pois de acordo Melo e Santiago (2015),

O professor pode inovar, reforçando o emprego do lúdico, buscando enriquecer suas aulas e com isso perceber as individualidades dos alunos, propiciando-lhes um melhor desenvolvimento de suas habilidades (p.13119)

O lúdico proporciona construções de saberes, na qual as trocas entre professores e estudantes terão um melhor desenvolvimento humano, sempre num processo de autoconhecimento. Segundo Silva e Vargas (2014), diz que o lúdico é um dispositivo de grande importância, a partir do momento em que se torna belo e proporciona prazer no ato de aprender, sendo interessante que leve essa prática para o cotidiano da sala de aula, pois podem contribuir no desenvolvimento como um todo.

De acordo Silva e Vargas (2014), os trabalhos desenvolvidos a partir dos jogos trazem consigo condições para que as crianças possam se conhecer e se descobrirem ressignificando tanto seus valores e costumes quanto suas ideias e papéis. Podendo assim conquistar seus espaços e adquirindo vitórias nos desafios exclusivos sociais, o isolamento, o sentimento de inferioridade, a insegurança no potencial e o excessivo medo em se expressar.

Assim, na natureza humana, o lúdico acaba-se por fazer parte de umas das necessidades fundamentais. Pois, trás características de espontaneidade e funcionalidade, no qual o ambiente lúdico trará consigo sentimento de leveza benéfico, que despertará o interesse na aula.

De acordo Huizinga (2000), uma atividade livre mesmo que não haja seriedade na mesma por parte dos praticantes, ela tem a capacidade de transmitir aprendizado ao jogador de maneira intensa. Torna-se uma rede de relacionamento sem interesses lucrativos, totalmente, desconectada de interesse material.

O lúdico é reconhecido como elemento essencial para o desenvolvimento das várias habilidades em especial a percepção da criança. Refere-se a uma dimensão humana que evoca os sentimentos de liberdade e espontaneidade de ação. Abrange atividades despreziosas, descontraídas e desobrigadas de toda e qualquer espécie de intencionalidade ou vontade alheia. É livre de pressões e avaliações. (SANTOS,2012. p.2-3)

Segundo Santos (2012, p. 23) “É obrigação da educação, formar pessoas críticas e criativas , que criem, invente, descubra, que sejam capazes de construir conhecimento”. É importante que o indivíduo seja um ser pensante e que tenham aptidão em desenvolver novas coisas.

De acordo Santos (2012.) acrescenta dizendo que não devem aceitar as coisas sempre como o outro já fez, “não devendo aceitar [...] tudo o que lhe é oferecido. Dai a importância de ter alunos que sejam ativos, que cedo aprendam a descobrir, adotando assim, uma atitude mais iniciativa do que expectativa”.

De acordo Piaget (1975) e Winnicott (1975), os conceitos como jogos, brinquedos e brincadeiras são formados ao longo da nossa vivencia, porém os autores afirma que a palavra jogo e a brincadeira podem ser usadas como sinônimos de divertimento. Assim, o lúdico é a junção de todas elas.

Pois Santos (2012, p.24) afirma que “o lúdico consiste basicamente em satisfazer a criança, trabalhando com o real, o concreto, tocando, deslocando, montando e desmontando. Sua finalidade é o próprio prazer do funcionamento da brincadeira é considerado importantíssimo”. Assim, a criança realizará um trabalho com satisfação e não apenas por obrigação.

Segundo Santos (2012, p.27) a ludicidade "ajuda no desenvolvimento cognitivo e facilita a aprendizagem e a interação entre os colegas". Sendo uma estratégia facilitadora para o ensino/aprendizagem e desenvolvimento pessoal e profissional.

De acordo Santos (2012, p.27) "O lúdico na Educação Infantil deve ser trabalhados desde cedo com a criança, pois eleva seu potencial a desenvolver mais rápido a aprendizagem". Contudo, ainda torna prazeroso o uso do lúdico na Educação Infantil, pois é visto com um auxiliador para despertá-lo de um mundo moderno.

3. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

Brincar, segundo o dicionário Aurélio (2003), é "divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar", podendo ser, também "entreter-se com jogos infantis", o brincar é sempre presente em nossa vida, realizamos sempre essa prática.

De acordo Oliveira (2000, p. 19):

O brincar, por ser uma atividade livre que não inibe a fantasia, favorece o fortalecimento da autonomia da criança e contribui para a não formação e até quebra de estruturas defensivas. Ao brincar de que é a mãe da boneca, por exemplo, a menina não apenas imita e se identifica com a figura materna, mas realmente vive intensamente a situação de poder gerar filhos, e de ser uma mãe boa, forte e confiável.

Assim, o brincar é um facilitador para o desenvolvimento individual da criança, pois a partir deles a criança aprenderá, pois a aprendizagem é vivenciada. Quanto à brincadeira, Santos (2010, p.13)

O brincar, assim, é concebido como uma atividade recreativa que permite que as crianças relaxem, descanse, e liberem suas energias contidas na sala de aula. É o momento da diversão em oposição ao trabalho escolar, à seriedade dos exercícios e das aprendizagens sistematizadas pelo educador.

É importante que a criança tenha esse momento para relaxar, pois a rotina em sala de aula, principalmente, no ensino integral é exaustivo. Procurar jogos educativos e deixar com que as crianças aprendam brincando é o caminho para fazer com que a mesma tenha prazer em frequentar regularmente a escola. Porém, mesmo sendo um momento de contradição às atividades escolares é importante a intervenção do professor/educador nos jogos caso não estejam sendo executados corretamente.

Muitos podem questionar se a brincadeira torna-se uma questão de hábito ou se é apenas uma necessidade. Sobre isso Dallobona (s/d. p.4.) diz que:

A criança brinca porque brincar é uma necessidade básica, assim como a nutrição, a saúde, a habitação e a educação são vitais para o desenvolvimento do potencial infantil. Para manter o equilíbrio com o mundo, a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar. Estas atividades lúdicas tornam-se mais significativas à medida que se desenvolve, inventando, reinventando e construindo.

As brincadeiras, também, formam cidadãos. Brincadeiras que crianças costumam brincar com os vizinhos na porta de casa (pega-pega, esconde-esconde, bandeirinha estourou, etc.), de certa forma ensinam as crianças a conviver em grupo, obedecer a regras, ter prontidão e na maioria das vezes explora a criatividade e imaginação da criança.

Pois como já dizia Chateau (*Apud* DALLABONA,(s/d) p.4) que “Uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar”. Pois, apesar, de ser uma forma divertida das crianças aproveitarem a infância, os jogos e brincadeiras é fundamental para o desenvolvimento do ser humano.

Ao percebermos o quão importante se faz a brincadeira na vida de uma criança passamos a ver que,

(...) no mundo capitalista em que vivemos o lúdico está sendo extraído do universo infantil. As crianças estão brincando cada vez menos por inúmeras razões: uma delas é o amadurecimento precoce; outra é a redução violenta do espaço físico e do tempo de brincar, ou seja, o excesso de atividades atribuídas, tais como escola, natação, inglês, computação, ginástica, dança, pintura, etc. Tudo isso toma o tempo das crianças e, na hora de brincar, quando sobra tempo, muitas vezes ficam horas em frente à televisão, divertindo-se com jogos violentos e rodeados de brinquedos eletrônicos, onde as interações sociais e a liberdade de agir ficam determinadas pelo próprio brinquedo. Eles fazem quase tudo pelas crianças, se movimentam e até falam, sobrando pouco espaço para o faz-de-conta. (DALLABONA,s/d p.5).

Realmente, é preocupante ver que as brincadeiras estão sendo substituídas por jogos eletrônicos. Na maioria das vezes até em sala de aula os professores optam por passar filmes ou vídeos ao invés de propor jogos e brincadeiras mais dinâmicas. Torna-se importante os filmes quando são passados com algum propósito educativo e que no final faça socialização, mas, infelizmente, muitas das vezes são passados apenas como ocupação de tempo.

Pode-se afirmar, de acordo com Petri (2000), o brincar faz parte da vida infantil, uma vez que é nesta fase que o ser humano passa por desenvolvimentos importantes e é a partir daí a criança adquire sua própria identidade, o inserido no contexto histórico do período.

De acordo Oliveira (2000), o brincar não significa somente um processo de recreação, pois afirma que vai bem mais além, com características de formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se, consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda sua vida.

Percebe-se que o brincar dá a liberdade da criança, não apenas aprender com o professor, mas poder compartilhar conhecimentos e saberes que já adquiriram em outras ocasiões. E são as diversidades existentes na vida de cada criança que faz com que as aulas sejam produtivas e conseqüentemente forme crianças críticas, que futuramente não sofram em ter que argumentar ou realizar alguma atividade em público.

De acordo Debortoli (1995, p.106), também, afirma dizendo que “a brincadeira é o próprio ‘mundo de cultura’ em expressão: conhecimentos, valores, regras e todas as suas formas de diálogo e trocas uns com os outros”. Assim, essas aulas dinâmicas dão abertura para que o professor conheça melhor os seus estudantes. São trocas de saberes constantes do educador com o educando até porque a realidade de mundo, crenças e etc. das crianças nunca são totalmente iguais, assim, eles estão sempre em contato com diversidades culturais existente na turma. Pois Debortoli (1995) já dizia que as brincadeiras são como trocas de códigos e valores, das formas como as crianças vivem suas relações sociais.

Segundo Bettelheim (1988, p.157),

"(...) 'brincadeira' refere-se às atividades da criança pequena, caracterizada por uma liberdade total de regras...; pelo envolvimento solto da fantasia; e pela ausência de objetivos fora da atividade em si. Os 'jogos', por outro lado, são, de regra, competitivos e caracterizados por uma exigência de se usar os instrumentos da atividade do modo para o qual foram criados, e não como a imaginação ditar, e frequentemente por um objetivo ou propósito externo à atividade em si, como por exemplo, o de ganhar (...)"

Sendo assim pode se dizer que a brincadeira é vista como uma dinâmica que apesar de terem regras, as mesmas deixam as crianças mais livres para a imaginação, pois as brincadeiras são delimitadas e os objetivos educativos vão surgindo durante as brincadeiras. E é importante perceber a diferença existente entre as brincadeiras e os jogos, pois os jogos trás um ar mais competitivos e já vem com regras formadas no intuito de atingir determinado objetivo.

4. OS JOGOS EM ESCOLA COMO ESTRATÉGIA

Segundo Soler, (2008, p.27-28), “A palavra jogo (*jocu*) tem origem *latina* e possui como significado gracejo, ou seja, o jogo é divertimento e distração. Porém, o jogo também significa trabalho sério, pois tem o poder de transformar valores, normas e atitudes. [...]” O jogo traz o ensino numa forma mais prazerosa. Mesmo sendo momentos de distração, o jogo traz consigo intenções que podem ir mais além do que imaginam.

Em relação aos jogos os autores Lamblem e Jesus (2018), afirmam que através dos jogos as crianças conseguem criar identidade, desenvolver autonomia, trabalhar o raciocínio lógico e a linguagem. Pois os jogos exige que à criança use muito a sua mente para formular estratégias para cada jogada.

De acordo com Ariés (1981 *Apud* LAMBLEM e JESUS, 2018 p.26) afirma que:

Na Idade Média, os jogos eram basicamente destinados aos homens, visto que as mulheres e as crianças não eram consideradas cidadãos e, por conseguinte, estando sempre à margem, não participavam de todas as atividades organizadas pela sociedade. Porém, em algumas ocasiões nas quais eram realizadas as festas da comunidade, o jogo funcionava como um grande elemento de união entre as pessoas.

Apesar dos jogos não ter sido acessível para todos na antiguidade, percebemos que também, tinham o intuito de unir as pessoas. Pois nessa mesma época as crianças eram vistas como miniatura de adultos, ou seja, elas trabalhavam ao invés de brincar. E quando tinham momentos de brincadeiras não tinham interação com adultos.

As crianças quase nunca interagiam com os adultos, sempre brincavam de forma isolada somente crianças com crianças. Naquela época as crianças eram vistas como miniaturas de adultos e tinham que trabalhar ao invés de brincar. Já os únicos momentos de integração eram os jogos comunitários, onde envolviam as crianças e mulheres.

Sobre este contexto histórico de aceitação e restrição de grupos que podiam praticar os jogos, Lambem e Jesus (2018, p.28) comenta sobre a influência dessa prática no ambiente escolar.

O jogo teve uma grande influência na escola a partir de 2003, onde se começou a observar o quanto a criança se desenvolve, quando envolvido em jogos e brincadeiras consegue desenvolver o raciocínio cognitivo, social e intelectual. Nos estudos feitos fica comprovado que até mesmo os animais gostam de brincar, dessa forma quanto mais envolver os jogos e as brincadeiras, maior é a possibilidade de melhorar a qualidade do ensino.

Percebe-se que valorização das atividades lúdicas em sala de aula é recente, porém se for praticar nas escolas pode correr um risco de ser visto como o professor das bagunças, que não tem controle da turma, etc. será comum se deparar com situações semelhantes, pois parte dos educadores segue um ensino tradicional.

De acordo Spolin (2010, p.6) “O primeiro passo para jogar é sentir liberdade pessoal. Antes de jogar, devemos estar livres. É necessário ser parte do mundo que nos circunda e torna-lo real tocando, vendo, sentindo o seu sabor. E o seu aroma.” Sem deixar que vire bagunça é necessário que deixe os estudantes livres, será um momento mais proveitoso se os praticantes estiverem se sentido livre.

Tanto os jogos quanto as brincadeiras devem ter caráter de liberdade, pois Huizinga (1999 *Apud* LAMBLEM e JESUS, 2018, p.32) afirma que é essa liberdade que faz,

As crianças irem muito além das suas fantasias, deve ser uma atividade voluntária e quando imposta deixa de ser uma brincadeira ou um jogo, ou do faz de conta. É na brincadeira que as crianças aprendem como os outros pensam e agem, descobrindo assim uma forma mais rápida para a troca de ideias e o respeito pelo outro. Enquanto aprendem brincando também ensinam algo de sua vivência, resultando na interação do aprender e ensinar a dividir os outros.

O brincar trás consigo uma grande abertura para que troque saberes constantemente, nas brincadeiras o professor perceberá em quais questões seus estudantes tem dificuldades, podendo identificar quais apresentam resistência em ir à frente ou realizar algum trabalho em grupo, por exemplo. Através das propostas lúdicas o professor pode levar atividades que trabalhem determinado problema identificado nos estudantes na execução dos jogos anteriores.

Em relação à objetividade dos jogos Lambem e Jesus (2018 p.41), afirma que,

O jogo ele não é algo sem objetivo, o professor enquanto joga ou brinca com as crianças, está sempre observando, como tem que trabalhar em outro momento. É através das brincadeiras que acontece o acompanhamento do raciocínio lógico e motor da criança. É no brincar que acontece a aprendizagem da criança, é por meio das brincadeiras as crianças podem ampliar a sua capacidade de inventar brincadeiras novas, para dar condições do desenvolvimento na diversidade das brincadeiras nas experiências através da troca com outra criança ou com os professores ou com a sua família.

No momento que as crianças executam os jogos o professor deve observar a individualidade de cada criança e perceber a dificuldade dos mesmos, assim terá a oportunidade de levar nas próximas aulas atividades que trabalhem diretamente com as dificuldades identificadas durante os jogos e/ou brincadeiras.

É importante que o professor tenha sensibilidade nas escolhas dos jogos, pois Segundo Kishimoto (2011), é importante se atentar na seleção de jogos e brincadeiras, pois deve se levar em consideração as diversidades culturais existente na turma. A autora acrescenta dizendo que é importante que busque formas de trabalhar o respeito com o colega através da ludicidade, evitando quaisquer vestígios de preconceito, principalmente, no momento da execução dos jogos, pois se o professor deixa tais ações passar despercebido será visto como sujeito reprodutor das mesmas.

Segundo Sant'Ana e Nascimento (2011, p. 21-22)

Acreditam que o jogar as crianças assimilam e transformam a realidade. Propõe uma subdivisão dos jogos, por faixas etárias, sendo elas: a primeira etapa- para crianças de zero a dois anos de idade que ele chama de período sensório-motor, as crianças repetem situações simplesmente por prazer; segunda etapa- para crianças de dois a sete anos que ele chama de período pré operatório em que as crianças não fazem o exercício mental, mas sim a representação do ocorrido; terceira etapa- para crianças acima dos sete anos que ele chama de período operatório em que os jogos são regras. É a união dos outros dois jogos, explorando, neste caso, a coletividade para o ato de jogar, sendo importante a cooperação entre as crianças.

De acordo Roloff (s/d, p.4), a ludicidade na adolescência é diferente das crianças,

Os anos passam e os alunos crescem. Quando chegam ao quinto ano, por volta dos dez ou onze anos, em plena fase da pré-adolescência, a

ludicidade também deve passar por uma transformação. Não basta mais cantar, dançar, jogar apenas. As aulas lúdicas devem ser direcionadas para as necessidades dos alunos, buscando a proximidade entre a escola e o meio em que o aluno vive.

Assim como deve procurar atividades lúdicas que despertem interesse nas crianças, com os pré-adolescentes não é diferente. É fundamental que se o professor saiba as necessidades da sua turma e através dessas observações planejem aulas que prendam a atenção dos estudantes, pois diferente das crianças que gostam de brincar os adolescentes mostram mais resistência nessa prática.

Segundo Roloff (s/d), é nessa fase da vida que começam a surgir as descobertas variadas, e torna-se importante que o educador esteja sempre observando o que acontece dentro da sala de aula e a partir disso buscar interagir de maneira positiva, levando atividades que ensine o conteúdo e ao mesmo tempo promova uma interação com os demais.

Isso porque Roloff (s/d), afirma que o lúdico, o brincar, fica mais perigoso nesta idade, já que os jovens passam a ter habilidades motoras mais desenvolvidas e o brincar impetuoso passa a fazer parte das aulas, dos recreios, dos pátios...

os alunos mudam continuamente, física e emocionalmente, e o professor em contato com eles, também deve mudar. As aulas lúdicas na adolescência podem ajudar a trabalhar questões como depressão, agressão, frustração, aceitação e aprovação pelo grupo. As brincadeiras passam a ser consideradas "idiotas, coisa de criança" e trabalhar com ludicidade na adolescência é bastante crítico. Como convencê-los de que determinada brincadeira vai se encaixar como estímulo para um novo aprendizado? Na medida em que o tempo passa, o aluno torna-se incrivelmente mais complexo, mais desafiador, com um grande número de questões a serem respondidas. (Roloff. (s/d) p.4-5)

O professor deve estar preparado para essa mudança de comportamento. Os adolescentes costumam ser mais questionador e na maioria das vezes não ver tanta importância na brincadeira. O professor deve estar preparado para entrar numa sala que apresentará vários obstáculos, pois as aulas serão cada vez mais desafiadoras.

A reclamação constante e a inquietação fazem parte da construção e do amadurecimento dos novos conceitos que este aluno está formando. Nesta fase, pode-se trabalhar a ludicidade em aulas de teatro, por exemplo, pesquisando peças, autores, trabalhando aspectos corporais, timidez, oralidade, literatura, etc. O lúdico deve ser um componente importante na

interdisciplinaridade, principalmente quando ativa a motivação do aluno.(
ROLOFF.(s/d).6)

Segundo Roloff (s/d) A ludicidade pode ser usada para deixar o estudante adolescente “acautelado”, pronto para adquirir conhecimentos, e o educador deve decretar da convicção de que isso é possível. Um professor que desacredita do lúdico como método de ensino pode embaralhar no discurso, dificultando o acesso ao aprendizado ao invés de facilitá-lo.

Ao mestre não cabe apenas despertar o aluno através de brincadeiras, mas ajudá-lo a construir efetivamente seus conhecimentos. O professor deve usar a ludicidade como importante fator de mediação e integração do aluno com a realidade; o aluno não aprende somente na escola. Se o conteúdo não for assimilado, pelo menos em parte, e não for ligada a nenhuma estrutura cognitiva, cairá no esquecimento, não terá nenhuma relevância.
(ROLOFF, (s/d) p.6)

A partir da afirmação do autor citado acima se percebe que a ludicidade trabalha com as questões de timidez, pois o lúdico tem poder motivacional e, as pessoas tímidas precisam dessa motivação e de bastante incentivo. Porém, o professor deve ter paciência ao desenvolver esse modelo de aula para pré-adolescentes, pois é comum que eles comecem a reclamar e colocar defeito e dificuldade em tudo. Cabe ao professor procurar jogos que se encaixe com o perfil da turma.

Procurar inovar e estar sempre pesquisando é importante quanto ao desenvolvimento e da construção do professor com o estudante, pois segundo Demo (1998, p.9), “a aula representa, como regra, a garantia da mediocridade, porque, além de marcadamente ser, no professor, cópia, faz do aluno cópia da cópia. Será essencial desfazer a aula copiada com marca registrada do professor”. O professor deve se desafiar e sair do comodismo é preciso fazer novas buscas para realizar novas atividades e não ficar apenas no que aprendeu com seus professores.

Sair da zona de conforto de certa forma seria mais prazeroso tanto para os estudantes quanto para os professores, pois muitas das vezes só falta iniciativa por parte dos professores em terem um trabalho a mais de pesquisar.

Apesar de o lúdico auxiliar no desenvolvimento dos estudantes, algumas questões devem ser levadas em consideração, pois pode-se deparar com casos de estudantes que apresentem resistência em participar de aulas dinâmicas, devido a dificuldade em socializar e desenvolver trabalhos coletivos. Em muitos desses casos pode ser gerado pela ansiedade dos resultados dos jogos e brincadeiras, pois a maioria deles exigem habilidade e criatividade. “Podemos também, por meio do jogo, modificar uma sociedade, tornando-a mais humana, cooperativa e pacífica, [...]” (SOLER, 2008, p.27, 28).

5. TRANSTORNO DE ANSIEDADE: DESAFIO ESCOLA

A ansiedade é definida a partir de um estado de humor desconfortável que atribui ao futuro apreensão negativa, inclui manifestações somáticas e fisiológicas como taquicardia, tremores, sudorese, tontura, tensão muscular e vaso dilatação ou constrição Dalgalarondo,(2008 *apud* BORGES, 2015).

Para Mackinnon, Michels e Buckley (2008), a ansiedade é uma experiência emocional precipitada por preocupações e em sentido universal se dá por este sentimento e por aborrecimentos comuns. [...], o transtorno ansioso está ligado à experiência subjetiva da ansiedade que oprime e é incapacitante e que, parece apresentar base na realidade. Alguns autores vão diferenciar o medo como uma resposta adaptativa evolucionária aos perigos reais conscientes, e a ansiedade neurótica seria entendida como reação aos perigos inconscientes.

É inevitável que o ser humano nunca passe por um aborrecimento, assim, a ansiedade pode estar mais presente do que as pessoas imaginam. A ansiedade de acordo com estes autores é algo interligado com a realidade, porém alguns autores vão comparar e mostrar diferenças existentes entre o medo e a ansiedade, pois veem o medo como uma resposta adaptativa evolucionaria aos perigos reais conscientes, e a ansiedade neurótica seria entendida como reação aos perigos inconscientes.

Segundo Mackinnon, Michels e Buckley (2008), a teoria primária de Freud de causalidade para a ansiedade neurótica, seria que ela resultava da repressão da libido não descarregada, para ele estava baseada em um processo somático a partir deste modelo fisiológico que chamou de neurose real. Mais tarde Freud desenvolveu um modelo psicológico para a ansiedade como um sinal de conflito inconsciente, como indicador dos perigos de um desejo instintivo proibido.

De acordo Matsumoto (2009), o medo é o sentimento de base para quase todas as demais manifestações psiquiátricas. Infere que o indivíduo que sente medo, por via regra, não reage adequadamente ao estímulo recebido, deduzindo de modo inadequado uma série de coisas de forma rápida, e geralmente contra si, o fluxo do pensamento é intenso e que gera dor de cabeça.

Os autores Ballone, Guimarães e Souza (2013) afirmam que à luz a consideração de que a ansiedade faz parte deste existir humano, podendo motivar novos desafios ou gerar prisões de ações e desejos. A conotação da vida moderna tem sido de era da ansiedade e é caracterizada pela agitação, estresse, competitividade, consumismo e por inversões de valores tradicionais.

Sendo assim, de acordo as afirmações dos autores acima, o medo esta relacionado a perigos que possa ocasionar situações ameaçadoras e que interfira no emocional do indivíduo perante o perigo. Pode-se usar o escuro como exemplo, porque a pessoa que tem medo de escuro acredita que o fato de estar num ambiente escuro pode ocasionar situações de risco, porém nem todas as pessoas que tem medo de escuro. Diferentemente da ansiedade que muitas das vezes é ocasionada devido a situações cotidianas, pois o ser humano entra num mundo de competitividade, na qual ser o melhor no que estar fazendo vira questão de necessidade, sendo este um dos motivos das ansiedades. O indivíduo fica sofrendo antecipadamente com problemas diariamente.

É comum deparar com estudantes que apresentam ansiedade. Segundo Silva (2014), “ansiedade e seus transtornos atingem grande parte da população mundial e suas atividades de cotidiano.” insegurança dos estudantes pode afetar diretamente no aprendizado. Apesar de ser um assunto atual, este comportamento é presente na existência humana desde os períodos primitivos.

Segundo Margis *et al*, (2003, p. 1). “a ansiedade passou a ser objeto de distúrbios quando o ser humano colocou-se não a serviço de sua sobrevivência, como fazia antes, mas a serviço de sua existência”, as pessoas se cobram bastante e acabam sofrendo por antecipação, pois tem medo de fracassar e passam a ficar num campo de comparações com o desenvolvimento e resultado do trabalho do próximo.

Segundo Silva Filho e da Silva (2003, p.2),

A ansiedade é definida como estado de humor desagradável, apreensão negativa em relação ao futuro e inquietação desconfortável; inclui manifestações somáticas (cefaleia, dispneia, taquicardia, tremores, vertigem, sudorese, náuseas, diarreia etc.) e psíquicas (inquietação interna, insegurança, insônia, irritabilidade, desconforto mental, dificuldade para se concentrar etc.)

Estudar e entender essas questões pode ajudar a prevenir problemas futuros, pois tanto em turmas de educação infantil quanto de Ensino Médio é comum encontrar estudantes que sofrem de ansiedade, assim, o professor deve estar sempre atento aos comportamentos dos seus discentes.

É importante que o professor fique atento aos sinais, pois segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (2008) O transtorno de ansiedade social começa muito cedo na vida da pessoa, há manifestações desde a infância, mas se torna mais evidente no início da vida adulta na medida em que os contatos com os outros se tornam mais obrigatórios.

Quando se deixa passar despercebidos esses problemas é sinal que futuramente esse indivíduo que vem sofrer desde a infância terá mais dificuldade em se socializar com as pessoas e pode interferir diretamente no sucesso da mesma, pois a sujeito pode se acomodar com a situação.

São problemas atuais que atingem crianças e, principalmente, os adolescentes, pois Soares *et al.* (2018) afirma que são mais frequentes em adolescentes de 21 anos de idade e enfatiza que no transtorno de ansiedade generalizada, além de altamente prevalente e crônico, é dispendioso, caracterizando-se pela preocupação e ansiedade excessivas e persistentes, em combinação com várias queixas psicológicas e somáticas, como excitação autônoma, agitação, fadiga, problemas de concentração, irritabilidade e problemas de sono.

As autoras Caíres e Shinohara (2010) afirmam que em crianças e adolescentes com Transtorno de Ansiedade Generalizada, a ansiedade e a preocupação frequentemente envolvem a qualidade de seu desempenho na escola ou em eventos esportivos, mesmo quando seu desempenho não está sendo avaliado por outros. Pode haver preocupação excessiva com a pontualidade. Eles também podem preocupar-se com eventos catastróficos tais como terremotos ou guerra nuclear.

Idem (2010) acrescenta dizendo que as crianças com transtornos podem ser excessivamente conformistas, perfeccionistas e inseguras, apresentando uma tendência a refazer tarefas em razão de excessiva insatisfação com um

desempenho menos que perfeito. Elas demonstram excessivo zelo na busca por aprovação e exigem constantes garantias sobre seu desempenho e outras preocupações.

Apesar de a escola ser um lugar no qual a pessoa frequenta para aprender e aprimorar os conhecimentos, muitos estudantes querem ver perfeição e não estão preparados para o erro em algumas situações, com isso eles passam a se cobrar sempre mais para mostrar sua competência aos demais colegas, pois tem medo e sofrem antecipadamente. Silva Filho e da Silva (2003, p.2), afirma que:

A apresentação da ansiedade, medo e angústia pode variar de acordo com o período de desenvolvimento da adolescência, aproximando-se mais de um padrão infantil ou adulto. Nos adolescentes, é mais comum encontrar ansiedade relacionada à competência, às ameaças abstratas e às situações sociais, sendo menos frequentemente associada à situações/pessoas/objetos desconhecidos, separação de cuidadores e danos físicos.

São muitas as causas e os transtornos de ansiedade que Segundo a Associação de Psiquiatria Americana (APA), *apud* Ana Beatriz Barbosa Silva (2011), afirma que a principal característica deles, além da presença de ansiedade, é o comportamento de esquiva, ou seja, a pessoa tende a evitar determinadas situações nas quais a ansiedade exacerbada pode deflagrar. Dentro desse leque, o medo patológico pode se manifestar de diversas formas e em graus de intensidade diferentes.

Segundo a Associação de Psiquiatria Americana (APA), (*Apud* Silva 2011, p.19), pode-se notar que os sintomas e comportamentos ansiosos podem ser comprometedores com o ensino e a aprendizagem dos estudantes em quaisquer fases do ensino. Faz-se necessário que questões como essas sejam discutidas e tomadas decisões cabíveis para evitar que as unidades de ensino formem cidadãos despreparado para uma vida, principalmente, profissional. Apesar de serem muitos os transtornos causados pela ansiedade, a pesquisa terá como foco a timidez, pois a mesma traz problemáticas que atinge muitos estudantes.

5.1 TIMIDEZ E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Na atualidade, falar sobre a timidez dentro das salas de aula está gerando muitos discursos, principalmente, entre os professores, pois são eles que presenciam diariamente estudantes que estão tornando à timidez como, características de personalidade.

De acordo com Axia (2003), existem dois tipos de timidez, que são:

- 1- **Timidez situacional:** são apresentadas apenas em situações de peculiaridade, ou seja, o sujeito tímido terá dificuldade de coletivizar com alguns grupos de pessoas ou em determinados momentos. Exemplo: o indivíduo que apresenta esse tipo de timidez terá dificuldade em apresentar um trabalho escolar/acadêmico, pois mostra resistência em falar publicamente.

- 2- **Timidez crônica:** são apresentadas em quaisquer situações interação sociais. A pessoa com esse tipo de timidez não socializará com outras pessoas, principalmente desconhecidos. Nesse caso os tímidos ficam ansiosos sempre que for preciso realizar algo em público.

Segundo Abreu, Pereira e Kesller (2008) a timidez é uma ansiedade gerada por perigos imaginário e/ou medo causados por perigos reais em determinadas situações sociais, na qual ambos vem acompanhados do incomodo perante outra pessoa e a manifestação pode ser através de aspectos físicos, comportamental, psicológico e emocional.

A partir dessas considerações, percebe-se que as características mais comuns na pessoa tímida estão no medo de se expor mantendo o foga da atenção nela, assim, apresentou sensibilidade sobre as críticas e conseqüentemente terá uma autoestima baixa, acreditando ser incapaz de realizar e desenvolver o objetivo como as demais pessoas. Segundo Junior (s/d, p. 1), “a timidez é uma condição pessoal que limita a execução de algumas atividades, principalmente aquelas que envolvem outras pessoas”.

Segundo Abreu, Pereira e Kesller (2008), as pessoas tímidas, apesar de evitar o contato com outras pessoas, devido a dificuldade em socializar, as mesmas tem necessidade de comunicação e interação social. Esses autores, no entanto, diz que trabalhar expressões corporais que requer contato físico, portanto, fazendo com que as pessoas umas das outras.

Compreende-se que não se deve deixar com que as pessoas tímidas entre para um mundo reprimido e, em relação à sala de aula, é importante que o professor evite que a turma se dividam em subgrupos para desenvolverem as atividades, pois na maioria das vezes as pessoas que apresentam facilidade comunicativa ficam num grupo e as pessoas que apresentam alguma dificuldade ficam em outro grupo mais isolado. É importante que o professor esteja atento a isso e proponha atividades que os colegas oportunizem trabalhos coletivos não apenas por questões de afinidades.

De acordo com Axia (2003), existem os indivíduos que nascem tímidos e outros que já nascem bastante sociáveis e comunicativos. Assim como tem os lugares e os momentos que conspiraram diretamente contra os tímidos, também tem os ambientes que são propícios para eles, e são as situações que acontecem, principalmente, na vida inicial que causam algum tipo de frustração e, fazendo com que a criança passe a desacreditar da sua potencialidade.

De acordo Axia (2003) afirma que as crianças tímidas com 2 ou 3 anos de idade é provável que sofra de uma timidez de origem biológica. Porém, uma criança de 9 ou 10 anos não é necessário que a origem seja biológica, pois até chegar nessa fase inúmeros fatores podem ter interferido no comportamento da mesma, seja no ambiente familiar ou em quaisquer outra situação cotidianamente.

Segundo Santos e Zuse (2001, p. 115), “a timidez se manifesta em sintomas como: medo das pessoas, medo dos convites, medo de falar, medo de enrubescer, (...) todos os medos que tendem a reduzir o contato com as pessoas e que trazem o isolamento”. Assim, a pessoa tímida evitará ao máximo a aproximação de novos ciclos de amizade e pelo fato de dificilmente trocar ideias com os demais colegas, tornará uma pessoa sem argumentos.

Segundo Junior (s/d, p. 1), “a timidez é uma condição pessoal que limita a execução de algumas atividades, principalmente aquelas que envolvem outras pessoas”. Por isso é importante que o professor desde a educação infantil desenvolva metodologias que trabalhe o contato entre os colegas. Algumas crianças tem bastante contato com outras crianças (irmãos, primos, vizinhos e etc.) fora da escola que podem influenciar no desenvolvimento social da criança, porém outras crianças só tem contato com outras crianças quando estão na unidade escolar.

Em relação a essa interação com outros indivíduos Valente, (2014, p.6) diz que:

O bebê desde que nasce, vai interagindo com vários indivíduos e estabelece assim relações. A primeira relação que este estabelece é com os pais, sendo estes, os primeiros a modelar a personalidade da criança. Posteriormente, a escola desempenhará também um papel fundamental na formação da personalidade das crianças.

Sendo assim, faz-se necessário que o professor planeje aulas pensando na formação de personalidade dos seus estudantes, pois nem todo pai tem a preocupação e responsabilidade de desempenhar sua função em casa. Alguns pais deixam seus filhos viciar nas redes sócias e acabam criando grupos de amizades virtuais que prejudicam mais ainda a interação social do estudante.

É importante que saiba diferenciar a timidez da vergonha, pois Vasconcellos (2015), afirma que a timidez será definida como uma questão de personalidade tendo em vista, componentes biológicos e/ou hereditário, porém, também, pode ser originada pelo meio onde vive. Assim, podendo privar experiências do indivíduo profissionalmente, socialmente e pessoalmente.

A vergonha de acordo Esteves (2012), é entendida como um estado emocional social que é causada através da suscetibilidade ao juízo alheio, imaginário ou real; sua causa aparece em momentos que o individuo mostra a imagem negativa que ver em si próprio, com pensamentos de inferioridade acompanhada de inseguranças e fracassos.

Idem (2012) acrescenta dizendo que a vergonha não aparece apenas no momento exato que o individuo está em público, pois o sujeito pode sentir vergonha até mesmo sozinha ao se imaginar em situações em que o mesmo é exposto.

Sendo assim, o sujeito que sofre de timidez terá sempre um problema de exposição, pois a partir do momento em que ele percebe que está sendo notado causará angústia e sofrimento, pois de acordo Lein, Câmara e Herzog (2014. p.145).

O olhar do outro é capaz de acessar recôndito de seu ser, visando efetuar contra eles as avaliações mais atroz. O tímido diz sentir cruelmente expostos e incapaz de esconder ou selecionar o que de si pode ser mostrado e o que deve ser escondido. Seus limites não oferecem a opacidade necessária para o sujeito repousar em segurança na sua interioridade; a transparência o lança à penosa exposição a cada encontro com um olhar estranho.

É importante que o professor busque meios para relativizar este peso do olhar alheio, pois, principalmente, em sala de aula é importante que deixe claro que ali é o lugar ideal para se tentar sem medo de fracassar e/ou for criticado pelos outros colegas, pois é o lugar e momento ideal para errar, pois é a partir dali que se podem adquirir novos saberes e aparar os erros.

A timidez tem consequências diferentes dependendo da idade, pois De acordo Munduruca, 2000; Silva e Ribeiro (2015 *Apud VIEIRA, 2017. p.38*)

Se quando adulto, a timidez é reconhecida como algo desagradável, na infância, principalmente no âmbito escolar, muitas vezes não é visto como objeto de preocupação dos pais e dos professores e passa a ser valorizada; a criança tímida assume uma postura confortável ao professor, é aquela que não incomoda e, na maioria das vezes, apresenta um bom rendimento escolar. No entanto, é preciso que haja uma ação de parceria entre os pais/família e a escola e que o professor esteja atento aos sinais que a criança possa vir a apresentar em relação à dificuldade da socialização com seus pares, baixa autoestima, medo, privações e situações de violência. [...] nesses casos intervenha para que ela participe de uma forma plena do seu processo educativo, com trocas de conhecimento e experiências com as outras crianças e participação em brincadeiras e outras atividades que requer interação em sala de aula e, tendo, portanto, um desenvolvimento emocional saudável.

É comum ver que o estudante admirado pela maioria dos professores é o comportado que apresenta bons resultados nas atividades escritas e não atrapalha as aulas com conversas paralelas, porém esse mesmo sujeito não costuma argumentar ou entrar em discursão durante a aula. É essencial que o professor mude o pensamento quanto a isso, pois é necessário que se forme cidadãos pensantes e críticos. Apesar do professor não ser o total responsável na formação da identidade do sujeito é importante que no momento dos planejamentos e

aplicações das aulas seja levado em consideração que os estudantes quietos demais devem sair da zona de invisibilidade e ser mais participativo.

Motta Filho (1969. p.23) afirma que “a consciência da incapacidade, o medo do fracasso diante dos outros, o receio do juízo alheio, a preocupação de que vai errar, ou de que acertando, não será compreendido.” Isso implica um enorme prejuízo dentro da sala de aula, pois pelo fato do tímido ter receio em chamar atenção, o mesmo evitará tirar suas dúvidas sobre o conteúdo por não ter coragem de perguntar ao professor.

Mariano (s/d, p.8), também, afirma que “o aluno tímido fará o possível para passar despercebido, para não causar tumulto, para não sentir que está de alguma forma, atrapalhando a aula, evitando assim, ser notado.” Por isso é importante que o professor preocupe com os calados demais, pois os educadores costuma dedicar e chamar atenção dos intitulados bagunceiros e acabam deixando de lado os calados que pode está passando por problemas maiores.

6. A INFLUÊNCIA DO LÚDICO NA PERDA DA TIMIDEZ

De acordo com os estudos referentes à timidez, é muito considerável que os professores estejam capacitados a dedicar-se aos discentes tímidos. Pois, para qualquer estudante, independente da idade, a relação que se desenvolve com os professores são importantes.

O lúdico em sala de aula é um ótimo caminho metodológico para ser seguido, pois colabora no desenvolvimento do indivíduo. Sabendo que a timidez é uma grande barreira para um bom rendimento tanto escolar quanto na vida cotidiana, utilizar a ludicidade auxiliaria bastante o desenvolvimento da pessoa que apresenta sintomas e comportamentos de ansiedade.

Pois de acordo Figueiredo (2008, p.23).

O desenvolvimento do aspecto Lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processo de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

De acordo Axia (2003) comportamentos diferentes para poder distinguir a criança desinibida e a criança tímida. Podendo identificar através desses comportamentos as crianças que apresentam timidez, assim, auxiliará tanto os educadores quanto a família na descoberta desse transtorno ansioso. Os comportamentos são:

- 1- **As relações sociais:** a criança tímida quando é inserida num lugar com crianças da mesma faixa etária, porém desconhecidas, tratará com indiferença, evitam manter contato com os colegas. Pois crianças tímidas apresenta mais dificuldade em fazer novas amizades.
- 2- **As expressões:** normalmente é um aspecto a ser observado, pois as crianças tímidas costumam não dar essas expressões. Até mesmo o sorriso é economizado, ou melhor, elas evitam sorrisos e quando sorrir é bem pouco. O dialogo do tímido será sempre limitado em relação aos demais, pois é preferível o silêncio.

Assim, Axia (2003) afirma que se a família e o educador atentarem a todos estes comportamentos poderá auxiliar o indivíduo tímido num processo de formação numa forma mais eficaz.

Para Monjas (2006), a timidez em crianças traz problemas que podem interferir no seu sucesso a vida toda, pois faz com que o indivíduo passa por sofrimentos constantes e começa enfrentar inúmeras dificuldades no seu desenvolvimento familiar, sociais e acadêmicos. Pois a criança tímida costuma descreditar do potencial existente nelas e por isso teme passar por momentos constrangedores e se não mudar esse quadro na vida da criança permanecerá com os mesmos pensamentos na vida adulta, também.

De acordo Farias (2011, p.171) diz que é importante que engrenar uma prática mais dialética, que a mesma esteja “apoiada na dúvida, no conflito e na contradição, que forje novos comportamentos, hábitos e conceitos. Uma práxis educativa comprometida com mudanças estruturais da sociedade.”

O professor levar jogos e brincadeiras trará resultados surpreendentes, pois se a criança tem contato com atividades que se trabalha em grupos, conseqüentemente o seu comportamento em público ou em situações diversas será mais fácil. Porém não depende apenas do estudante. De acordo Medina (2016, p.6)

O sucesso também dependerá do professor, que deverá ter muita sensibilidade e respeitar os limites individuais de cada criança. No caso de timidez, a desenvoltura da criança vem aos poucos e cada conquista dela, o professor tem que agir positivamente, dando sempre um incentivo e elogiando. Dessa forma a criança cada vez mais vai se soltar e se sentir segura, e essa segurança. E essa segurança levará para todos os lugares e para sua vida.

Através dos capítulos anteriores estudados, percebe-se que o indivíduo que apresenta timidez possuem a autoestima baixa e se acham incapazes de desenvolver o trabalho como os demais colegas. Assim, não basta apenas levar aulas dinâmicas é preciso que o professor respeite o tempo de cada um, elogie sempre o esforço de cada um independente de quem teve um melhor resultado, pois para se alcançar bons resultados, principalmente, com os tímidos envolve um pouco mais de tempo.

Sobre isso Felix e Filho (s/d) afirma que “o processo de superação da timidez envolve vários intervenientes, mas neste âmbito, importa realçar o papel do educador enquanto mediador de todo o processo”. (p.13) é importante que o professor saiba lidar com os problemas que surgir nas aulas, principalmente, nos momentos que os jogos e brincadeiras são aplicados, pois os estudantes por se sentirem livres pode ser que faça e/ou fale algo que agrida a desenvolvimentos de outros colegas.

De acordo Spolin, (2010, p.7) “Ao tentarmos nos salvaguardar de ataques, construímos uma fortaleza poderosa e nos tornamos tímidos, ou então lutamos cada vez que nos aventuramos sair de nós mesmos”. É importante que evitem críticas e comparações nos momentos que estiver ministrando aula, para evitar que cause insegurança no estudante. Elogiar todos é importante, mesmo os potenciais de cada estudante sendo diferentes, pois cada um está dando o seu melhor.

Embora o aluno bem dotado pareça ter sempre mais para dá, mesmo se o aluno estiver participando do limite de sua força deve ser respeitada, ainda que sua contribuição seja mínima. Nem sempre o aluno pode fazer o que o professor acha que deveria fazer, mas na medida em que ele progride, suas capacidades e aumentarão. Trabalhe com o aluno onde ele está e não onde acha você acha que ele deveria estar. (Spolin, 2010. p.9)

Idem (2010) “O julgamento por parte do professor-diretor limita tanto a sua própria experiência como a dos alunos, pois ao julgas. Ele se mantém distante do momento de experiência e raramente vai além do que já sabe.” (p.7) o julgamento será motivador para criar barreiras nas aulas dinâmicas, seja lá qual for a proposta. Pois se a individuo mostra resistência em ir à frente ou for atenção dos demais, o julgamento dificultará mais o desenvolvimento desses que procuram passar despercebido.

As atividades lúdicas segundo Melo e Santiago (2015, p.13119), “por vezes, são desafiadoras, permitem a conquista de melhores níveis de realização. Brincar ajuda a aprender, a ter um bom humor, a melhorar a autoestima, a fortalecer a segurança, o equilíbrio e o respeito por si mesmo e pelos outros”. Sendo um ótimo caminho para professor que tende a desenvolver uma turma mais comunicativa, sem vestígios estudantes tímidos.

De acordo Melo e Santiago (2015), “O lúdico faz parte das necessidades essenciais da natureza humana. Caracterizando-se por ser espontâneo e funcional, o ambiente lúdico encerra uma leveza que beneficia aos alunos” (p.13122) assim, despertando no estudante o interesse pelas aulas, dando espaço para sociabilização e autoconfirmação.

Segundo Duarte (2009, p. 4), “o jogo é uma das formas mais importantes do comportamento humano, desde o nascimento até à morte, sendo essencial na formação da sobrevivência e no processo de desenvolvimento do homem”. Por isso levar os jogos para sala de aula se torna, bastante, importante. É um método de fácil acesso para qualquer professor, basto querer ter um pouco mais de trabalho, pois a aula dinâmica deixará os estudantes com comportamentos mais alterados.

Segundo Santos e Suze, (2001) o educador deve estar consciente de que o seu papel passa também por proporcionar situações em que as crianças tímidas desenvolvem as suas competências sociais para que consigam relacionar-se com todas as pessoas que a rodeiam e que não tenha receio de expor as suas ideias/opiniões.

Sobre essas desenvolvuras de interação coletiva, o jogo pode sim colaborar tornando o estudante mais participativo e comunicativo, pois Duarte (2009, p.2) afirma que, “é importante compreendermos que existe uma relação estreita e inseparável entre o jogo e a socialização, sendo extremamente importante nas relações entre os pares.” Assim, no processo de formação dos indivíduos podemos incluir o desenvolvimento das suas capacidades sociais e de interação, que se formam também enquanto o individuo joga.

Neste sentido, Carvalho (2006, p.1), indica que “o isolamento social na infância deve ser alvo de atenção, pois representa um padrão de respostas bastante inibidor da aquisição de comportamentos adaptativos e pode provocar problemas de ajustamento durante todo o ciclo de vida” .

Segundo Duarte (2009, p. 4), “o jogo é uma das formas mais importantes do comportamento humano, desde o nascimento até à morte, sendo essencial na formação da sobrevivência e no processo de desenvolvimento do homem”.

No decorrer da execução dos jogos, podemos inserir nos estudante as capacidades de socialização e comunicação, que se formam também enquanto o estudante joga, assim, “é importante compreendermos que existe uma relação estreita e inseparável entre o jogo e a socialização, sendo extremamente importante nas relações entre os pares” (DUARTE, 2009, p. 2).

Silva e Vargas (2014, p.132) compreendem o lúdico como:

[...] constitui-se em uma ferramenta de grande importância porque torna belo e prazeroso o ato de aprender, devendo ser uma constante no cotidiano da sala de aula, podendo contribuir para o desenvolvimento do indivíduo como um todo. O trabalho com jogos viabiliza condições para que a criança se conheça, se descubra e resinifique seus valores, costumes, ideias e papéis, conquistando espaços e vitórias, de forma a vencer desafios como a exclusão social, o isolamento, a inferioridade, a insegurança e o medo em se expressar.

Para Cruz (1997 *apud* SILVA, 2015, p.18) a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social, e cultural, colabora com uma boa saúde mental, prepara para um estado positivo que facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

São muitos os pontos positivos que as aulas dinâmicas podem proporcionar no desenvolvimento do estudante. De acordo Roloff (s/d, p.6),

As aulas lúdicas podem ajudar a construir saberes a partir de ações e interações com os colegas, porque corresponderão sempre a novas descobertas, novas noções. Nas aulas lúdicas, o professor deve ressaltar que brincadeira não é aspecto predominante da infância, mas sim que é um fator importante do desenvolvimento humano.

Segundo valente (2014. p.1) “O espaço escolar deve ser por excelência, um lugar onde as crianças se sintam seguras e, sobretudo que lhes transmita confiança, para que, deste modo, possam desenvolver as suas aprendizagens e competências sociais na íntegra.” assim, Monteiro (1990, p.44), diz que “o jogo livre dá a criança uma primeira possibilidade absolutamente determinante para ter coragem de pensar, de falar e talvez de ser verdadeiramente ela própria”. Através dos jogos as crianças terá a oportunidade dela ser o que ela realmente é, pois a partir do momento que elas não se sentem obrigadas a fazer a sua imaginação e criatividade surgirá espontaneamente.

Contudo Santos, (1997) Trás a afirmação que a aprendizagem através do lúdico é um meio facilitador, para o desenvolvimento pessoal, cultural e social. E é um colaborador na saúde mental, assim, preparando o indivíduo tímido um estado interior fértil, facilitando a processo de socialização, expressão, comunicação e a construção do conhecimento.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa bibliográfica compreende-se que o lúdico é fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Pois, vê-se que a criança aprende durante as brincadeiras, e o brincar acrescenta positivamente o relacionamento social. Através dos jogos a criança tem a oportunidade de fortalecer a organização dos sentimentos autoconfiança e segurança em suas ações, inserindo na vida das crianças características importantes no desenvolvimento da própria identidade.

A ludicidade nas salas de aula é de extrema importância, mas o professor deve acreditar nisso, pois depende muito do mesmo para atingir os objetivos com êxito. Na unidade escolar é que o professor executar brincadeiras e jogos de maneira que entendam o conteúdo. A aula torna-se mais prazerosa e a criança terá mais interesse em prestar atenção, assim, facilitará a fixação do conteúdo a partir das atividades lúdicas.

O professor deve ser observador e perceber as particularidades existentes com cada um de seus estudantes. A pesquisa de acordo os autores citados mostrou que os conteúdos podem e devem ser trabalhados com o lúdico, pois é preciso que a criança sinta-se livre, podendo ter mais liberdade em se experimentar e descobrir a cada momento.

O professor deve respeitar e aceitar a história de cada estudante, pois Ausubel (*apud* MOREIRA, 1999) diz que o professor deve traçar um paralelo do conteúdo com o que a criança já sabe. O fato de estar trabalhando a partir do que o estudante já teve acesso torna-se uma condição para a aprendizagem. É preciso um amplo movimento pela capacitação de professores, para aplicar o lúdico, não apenas como brincadeira, as como ferramenta de ensino moderno.

O lúdico auxilia tanto no processo ensino e aprendizagem quando no desenvolvimento social. Pois Valente (2014. p.6) “a escola desempenhará também um papel fundamental na formação da personalidade das crianças”. E trabalhar a ludicidade com as crianças tímidas os resultados será positivo. Os jogos exploram bastante da criatividade e interação entre os colegas.

O professor deve estar atento aos estudantes tímidos que muitas das vezes são intitulados como a criança comportada que todos deveriam ser iguais a ela. Porém o professor não deve ficar satisfeito com crianças que não interagem com os demais colegas de turma. O professor deve estimular a criança socializar. O lúdico facilitará bastante o desenvolvimento das crianças tímidas se forem trabalhadas com seriedade.

8.REFERÊNCIAS:

- AGUIAR, Gislaine Cardoso. **A timidez no contexto escolar: um olhar sobre esta característica da personalidade humana na escola.** Três Cachoeiras. 2010
- ABREU, E. V.; PEREIRA, L. T. Z.; KESSLER, E. J. **Timidez e motivação em indivíduos praticantes de dança de salão. Conexões:** revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v.06, ed. Especial, jul. 2008
- ALMEIDA, Laurinda; MAHONEY, Abigail Alvarenga (org.). Henri Wallon **psicologia e educação.** 6 ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- AXIA, G. A **Timidez: Um dote precioso do patrimônio genético humano.** 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho– pais bons o bastante–** tradução Maura Sardinha e Maria Helena Geordane, Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- CARVALHO, R. **Isolamento social nas crianças: propostas de intervenção** (2006).
- DUARTE, J. **O jogo e a criança. Relatório de Mestrado em Ciências da Educação, especialidade de supervisão pedagógica.** (S/L)(2009)..
- DOHME, Vânia. **Atividades Lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelo.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- DALLABONA, Sandra. **O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar.** Instituto catarinense de pós-graduação. CIPG (s/d)
- DEBORTOLI, José Alfredo. **Equilibrando sobre um arame de farpas: Infância e ludicidade no cotidiano do Alto Vera Cruz.** Belo Horizonte: - FAE/UFMG, 1995. Dissertação. Mestrado em Educação.
- EISEN, Andrew R.; ENGLER, Linda B. **Timidez. Como ajudar seu filho a superar problemas de convívio social.** São Paulo: Editora Gente, 2008.
- ESTEVES, A.L. **A timidez na perspectiva da psicologia analítica.** Dissertação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São
- FIGUEIREDO, Ana Cristina Queiroz. **A Ludicidade como Referência na Educação Infantil: Recurso Pedagógico na Aprendizagem ou Forma de Entretenimento?** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Aquidauana, 2008.
- FARIAS, Isabel Maria Sabino et. al. **Didática e Docência: aprendendo a profissão.** Brasília: Liber livro, 2011.
- FELIX, T.; FILHO, I. **A timidez na escola: a educação física infantil como atividade imprescindível na sociabilidade da criança.** (s.d.)
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens.** 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva ,2000.
- JÚNIOR, L.. **Análise da influência de timidez em aulas de Química.** (s.d.)

KISHIMOTO, Tizuko. **Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil**. Belo Horizonte, 2011.

LAMBLEM, S.G.S; Jesus, A. **A Importância do Jogo No Processo de Aprendizagem Na Educação Infantil**. São Paulo, 2018.

MONTEIRO, J. (1990). **Jogo e desenvolvimento psicológico da criança**. Revista Educação e Tecnologia, n.º6, pp. 43-51.

MELO Edvaldo; Santiago, Leonéa. **O lúdico como instrumento pedagógico no ensino médio: um estudo das representações sociais dos professores (S/L)**.2015

MADINA, Vilma. A dança ajuda crianças a vencerem a timidez. (S/L, S/D).

MARIANO, Vanuza. **A timidez no processo de ensino-aprendizagem**. (S/L, S/D)

MOTTA FILHO, Candido. **Ensaio sobre a timidez**. São Paulo. Livraria Martins, 1969.

MOREIRA, M. A. A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel. Cap. 10,p. 151-165. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, EPU, 1999.

MARGIS, Regina et al. **Ansiedade**. Revista de Psiquiatria, Rio Grande do Sul, v. 25, n.1, s/p, abr. 2003.

MELO, Edvaldo Moraes ; SANTIAGO ,Leonéa Vitoria. **O lúdico como instrumento pedagógico no ensino médio: um estudo das representações sociais dos professores**.(S/L) 2015.

MONJAS, Maria Inês. **A Timidez na Infância e na Adolescência**. Editora Pirâmide, 2006.

MOTTA FILHO, Cândico. **Ensaio sobre a timidez**. São Paulo: Livraria Martins, 1969.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PICCOLOTO, N. M.; PERGHER, G. K.,; WAINER, R.. **Fobias específicas: Diagnósticos, etiológicos, mantenedores e terapêuticos**. Artmed.Porto Alegre. (2004)

ROLOFF, Eleana Margarete. **A importância do lúdico em sala de aula**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil.(s/d)

SANTOS, C.; ZUSE, A.. **Timidez um mal que atua em silêncio**. (2001).

SANTOS, S, M. P. dos. (org). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SANTOS, Jossiane. **O lúdico na educação infantil**. Campina Grande, Realize Editora, 2012.

SANTOS, Simone. **A importância do lúdico o processo de ensino aprendizagem**. Santa Maria: - UFSM/RS. 2010.

SANT'ANA, Alexandre; NASCIMENTO, Paulo Roberto. **A história do lúdico na educação**. REVEMAT, Florianópolis- SC, v. 06, n. 2, p. 19-36, 2011.

SILVA, Luís Fillipe Vasques– **A ansiedade e seu enfrentamento** Porto Alegre: Artmed, 2011.

SILVA, Tatiane Medianeiro Dutra; VARGAS, Patricia Leal. **O lúdico e a aprendizagem da pessoa com deficiência visual**. Revista Pós-Graduação: Desafios Contemporâneos, v.1, n. 1, jun/2014.

SILVA, Tiago Aquino da Costa. **Jogos e brincadeiras na escola/ Tiago Aquino da Costa e Silva (Paçoca)** – 1. ed. São Paulo: Kids Move Fitness Programs, 2015

SILVA, A. P. L. C. **O lúdico na educação infantil: concepções e práticas dos professores na rede municipal de Campo Grande – MS**. Dissertação de Mestrado. Campo Grande, MS: UCDB, 2006.

SILVA, Tatiane Medianeiro Dutra; VARGAS, Patricia Leal. **O lúdico e a aprendizagem da pessoa com deficiência visual**. Revista Pós-Graduação: Desafios Contemporâneos, v.1, n. 1, jun/2014.

SOARES, Ricardo Felipe *et. al.* **Prevalência dos transtornos de ansiedade como causa de afastamento de trabalhadores**. Universidade Federal do Piauí. Terezinha-PI. 2018.

VIEIRA, Mariana. **Timidez e expressividade afetivo-emocional: um estudo walloniano**. São Paulo. 2017.

VASCONCELOS, L. R. **Estudo comparativo dos comportamentos relacionais e comunicacionais entre pessoas tímidas e não tímidas**. Tese (doutorado em psicologia experimental), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

VALENTE, Regina Feliciano. **O jogo e a timidez em crianças em idade pré-escolar**. Universidade do Algarve. Faro, 2014.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro. Imago. 1975.

SANTOS, Josiane Soares. **O lúdico na educação infantil**. Campina Grande, Realize, 2012.

WADSWORTH, Barry. **Inteligência e afetividade na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1977.